

**SÁ, André Corrêa de. 2023. *Ecofagias I. Portugal*.
Lisboa: Gradiva Publicações, 335 pp.
ISBN 978-989-785-2350**

Margarida Rendeiro*

Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias 41-42 (2023), 361-364. ISSN 0870-4546.

URL: <https://revistas.fcsh.unl.pt/cultura/article/view/1235>

Em 2023, foi lançado *Ecofagias I. Portugal*, o primeiro volume de uma anunciada trilogia que explora narrativas pelas quais as sociedades portuguesa, brasileira e dos países africanos de língua oficial portuguesa tornam literais certas metáforas culturais que expressam a sua relação com os espaços geográficos que ocupam e nos quais se constituíram. O autor, André Corrêa de Sá, Professor Associado no Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, é especialista em literaturas luso-afro-brasileiras e literatura comparada, com um foco particular na análise cultural e comparativa. Entre as suas publicações anteriores, destacam-se *Depressão e Psicoterapia em António Lobo Antunes: Qualquer Coisa que me Ajude a Existir* (Leya; Texto, 2019) e *Livros que Respiram: Pensamento Ecológico e Solidariedade nas Literaturas em Português* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021) que abordam temáticas distintas; no primeiro caso, a representação polifónica da depressão e do discurso terapêutico a partir de obras do autor português António Lobo Antunes e, no segundo, o autor explora o pensamento ecológico nas literaturas em português. Como o próprio título indica, este primeiro volume de *Ecofagias* investiga metáforas culturais persistentes na sociedade portuguesa, revelando-se uma leitura instigante tanto para estudiosos da literatura portuguesa como para todos aqueles que são interessados em reflexões sobre a cultura portuguesa.

O inovador conceito de ecofagias, desenvolvido nos dois primeiros capítulos e aplicado nos nove seguintes de um modo bastante consistente, refere-se à construção de paisagens culturais que combinam representações do mundo exterior — no caso, as paisagens naturais portuguesas — com perceções identitárias e vivenciais. Acrescento que esta relação entendida entre território, identidade e nação desafia noções essencialistas, como,

* CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8607-3256>. E-mail: mmrendeiro@fcsh.unl.pt.

por exemplo, as de *portugalidade*, que ainda prevalecem. Como destaca o autor, a vivência da identidade nacional não é homogênea: “É-se português, e vive-se em Portugal, como aliás na maior parte dos países, de maneiras variadas” (p. 17). Corrêa de Sá sublinha como certos elementos culturais funcionam como “amuletos” que ajudam a definir afinidades e oposições entre culturas: “Em regra, quando queremos descrever uma identidade, um lugar, um território ou uma nação recorreremos ao expediente de fazer de certas coisas amuletos poderosos” (p. 20). Assim, as ecofagias designam “processos culturais que produzem certas imagens, admitindo a existência de uma relação mimética ou analógica entre a identidade social e histórica de uma cultura e a realidade objetiva do mundo exterior” e “contribuem para o modo como os membros de uma certa comunidade sentem que existem no mundo, e que o mundo existe neles” (p. 24). Antes de nos pensarmos e entendermos singulares no mundo, Corrêa de Sá desafia-nos a refletir sobre como “o imaginário territorial é afetado pelas mitologias da identidade coletiva e pela ideia de casa” (p. 33).

Através de nove casos de estudo, solidamente argumentados e apoiados em vasta bibliografia e referências, o autor explora esta dinâmica e convida-nos a colocar em perspetiva narrativas que moldam a perceção construída sobre a cultura portuguesa e o seu lugar no mundo. Estes casos de estudo, cada um o centro de atenção de um capítulo, analisam construções culturais que atribuem, por exemplo, ao rio Douro a identidade de um “rio português”; que sustentam a perceção da “sorte de viver em Portugal”; que associam o “viver habitualmente” a uma certa modéstia inerente à definição de uma tradição nacional; que fundamentam a ideia da “vida no campo” como um modo de existência idílica; que singularizam o “mar português” e a “saudade” como expressões autênticas da identidade nacional; que se refletem numa “arquitetura portuguesa”; que ajudam a definir uma suposta “alma portuguesa” ou que reforçam a imagem de Portugal como um “país de poetas”. As análises minuciosas exploram estas construções a partir de um conjunto de obras tão diversas como a curta-metragem *Douro, Faina Fluvial* (1931), de Manoel de Oliveira, poemas de Alexandre O’Neill e Fernando Pessoa, o ideário de António de Oliveira Salazar, textos de Júlio Dinis, Eça de Queiroz, António Nobre, Ramalho Ortigão, Carlos de Oliveira e Ruy Belo, entre outros. O autor evidencia como tais representações criaram uma geografia mítica, aplicada de forma homogênea a todas as regiões do país, mas também como determinados escritores imprimem diferentes leituras sobre essas mesmas paisagens, afastando-se de discursos glorificadores.

Destaco, a esse propósito, dois capítulos em que o autor explora perspetivas contracorrentes sobre o “mar português” e a poesia nacional. No capítulo 7, intitulado “Dar a praia às crianças”, o autor contrapõe a visão pragmática do mar como meio de sustento à sua

mitificação imperialista. A mitificação do “mar português”, que consolidou um discurso imperialista e colonizador não releva visões literárias que exploram relações alternativas e emancipatórias com o oceano que banha a costa portuguesa. Enquanto a tradição literária muitas vezes reforça a glória da expansão marítima, é possível identificar em textos de António Nobre e em Ramalho Ortigão sugestões de leituras que apontam para relações alternativas e emancipatórias com o oceano. É o caso de *Lusitânia no Bairro Latino*, da antologia *Só* (1892), de António Nobre, como destaca Corrêa de Sá. Neste poema, o mar não é o das conquistas, mas sim o das praias de pescadores, marcado por um “sentimento de admiração e simpatia” (p. 118), mas com um “espírito local, calafetado e ordinário” (p. 119), que exprime uma relação com um “país concreto e quotidiano” (p. 120). A releitura dos seus versos permite “refratarmos as instâncias imperiais que, ainda hoje, determinam esquemas mentais da nação” (p. 125). De forma semelhante, a descrição das praias portuguesas feita por Ramalho Ortigão, em *As Praias de Portugal: Guia do Banhista e do Viajante* (1876), combina observações descontraídas sobre percursos, alojamentos e atividades de lazer com conhecimentos científicos sobre o mar e a hidroterapia, incluindo conselhos práticos sobre os benefícios da exposição solar e da época banhar, acessíveis a todas as classes sociais. A abordagem explorada por Ortigão esvazia, na leitura de Corrêa de Sá, “a relevância das histórias sobre os triunfos ou sobre as misérias decorrentes da história das navegações” (p. 129) e, juntamente com a poesia de Nobre, sugere que é possível imaginar relações com o mar para além da mitologia das “descobertas”.

No capítulo 11, intitulado “Um país de poetas”, Corrêa de Sá parte da antologia *País Possível* (1973), de Ruy Belo — em particular do poema “Pequena história trágico-terrestre” — para expandir a reflexão a outros autores, como Alexandre O’Neill e Manuel Alegre, e questionar a ideia de Portugal como um “país de poetas”. No poema de Belo, argumenta o autor, encontramos menos uma “tentativa de disfarçar a vida com poesia” e mais um “exercício de disfarçar a poesia com a vida” (p. 243). A sua análise mostra que os escritores consagrados pela crítica literária, mais do que transformadores diretos do mundo, dedicaram-se a uma escrita que vale sobretudo pela sua qualidade poética, e não necessariamente pela sua capacidade real de impulsionar mudanças revolucionárias. Embora os autores surgidos no contexto da Revolução de 1974 sejam um “testemunho de que a escrita pode ser uma forma de resistência, e que a literatura pode contribuir para as mudanças políticas e sociais de um país” (p. 254), tal expectativa não lhes pode ser imposta. Afinal, como destaca o autor, “uma coisa são as ideias do poeta sobre as realidades sociais do seu país; outra coisa, bem diferente, são os seus poemas” (p. 254).

A leitura de *Ecofagias I* suscita-me três breves reflexões. Podemos também pensar em ecofagias relativas aos territórios insulares portugueses, explorando como a literatura tem

representado os arquipélagos como espaços enigmáticos ou, como sugere o subtítulo de *Açores* (2000), de João de Melo, “o segredo das ilhas”. O volume não contempla possíveis leituras que explorem qualquer dos arquipélagos portugueses. No contexto da literatura insular portuguesa, seria relevante investigar como as representações literárias destes territórios contribuem para a construção de uma identidade entendida como “distintamente portuguesa”, por exemplo, dentro do universo mais amplo das literaturas da Macaronésia. Em segundo lugar, ao longo da análise de Corrêa de Sá, percebe-se que muitas metáforas culturais ainda presentes no imaginário português são herdeiras de processos culturais que refletem um pensamento predominantemente masculino e ocidental, frequentemente ancorado na experiência colonial; e como essas metáforas pouco se renovaram quando falamos de cultura portuguesa contemporânea. Por fim, importa considerar como a construção de paisagens culturais na recente literatura portuguesa contemporânea de autoria afrodiaspórica questiona aquela experiência e pensamento, desafiando percepções de não pertencimento a territórios e espaços que a literatura tradicionalmente consolidou como formas de expressão de um certo modo de ser português.

Estas reflexões conduzem-nos à dimensão pessoal presente no capítulo que encerra o volume. Corrêa de Sá, refletindo sobre a sua experiência como docente de cultura portuguesa nos EUA, argumenta que “o que há de cada um de nós em Portugal é o que de Portugal anda sempre conosco” (p. 275). Em suma, se o sentimento de se sentir português não é um dado objetivo, a sua ainda apregoada excepcionalidade menos ainda; constitui tão só um sentimento de pertença enraizado na experiência de viver o território e por isso tão mais interessante de se entender e discutir. *Ecofagias I. Portugal* constitui uma leitura renovada para compreender a cultura portuguesa contemporânea e fomentar debates que desconstruam visões essencialistas sobre identidade e cultura portuguesa.